

"Longe de ser um deserto"

A comparação do clima do DF com o do Deserto do Saara é comum, principalmente nesta época do ano. Mas essa ideia é totalmente rechaçada pela professora e pesquisadora do Laboratório de Climatologia do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília (UnB), Ercília Torres Steinke. Ela explica: "O deserto é definido pela quantidade de chuvas. No Saara, a média varia entre 20mm e 200mm ao ano. Enquanto isso, a média do DF é de 1.552 mm/ano. Por mais seco que seja, está longe de ser um deserto."

A pesquisadora esclarece que o impacto que o tempo tem na região nada tem a ver com uma tão propagada mudança climática, mas é resultado da ocupação desordenada e desenfreada do solo. Como exemplo, cita Vicente Pires, que não existia há 20 anos. Pelo menos não como hoje, com centenas de casas, muitas delas construídas às margens do córrego.

Essa mesma situação se repete em inúmeros locais. Águas Claras, por exemplo, que foi uma ocupação pensada, mas ainda não tem galerias de águas pluviais. E é por isso que, no Plano Piloto, é comum ver o alagamento de tesourinhas.

"O aumento da temperatura e as chuvas que provocam mais estragos são decorrentes da forma como usamos o solo da

região. Assoreando córregos e aumentando a impermeabilização do chão, aumentamos o impacto ambiental da atividade humana", sugere Ercília.

■ Engano

Baseada em dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), ela revela que, entre 1993 e 2003, as chuvas ficaram abaixo da média local. Isso levou a uma crença errada e precipitada na desertificação da região. Mas os dados de 2004 até 2006 desmentem a impressão. "O nível de precipitação ultrapassou a média por três anos consecutivos. No entanto, ainda não há informações suficientes para embasar um diagnóstico concreto sobre o aumento ou diminuição da temperatura", pondera.

O brasiliense pode contribuir para a preservação do clima. Segundo a geógrafa Juliana Ramalho, o cidadão comum pode evitar que a cidade fique mais quente e seca, preservando as áreas verdes. "Quem vai construir uma casa deve manter a vegetação natural do local. Veja o exemplo do Lago Norte. Lá você ainda tem grandes quantidade de plantas, por isso a temperatura é, em média, 3 C° mais baixa que o Plano Piloto", justifica a pesquisadora.

Evitar jogar o lixo na rua também diminui os efeitos ne-

gativos das chuvas. Afinal, de acordo com a pesquisadora, durante um pé d'água este mesmo entulho entope os bueiros da cidade. Karen Suassuna, técnica em Mudanças Climáticas da WWF-Brasil lembra que os cuidados com o clima tempo estão intimamente ligados aos hábitos de consumo da população.

De acordo com a representante da organização não-governamental, o cidadão pode contribuir para preservação do clima consumindo produtos de empresas que não agridam o meio ambiente. Segundo Karen, a adoção de técnicas de aquecimento solar para a água também é uma forma de poupar o meio ambiente. "Devemos aproveitar mais a luz do sol, principalmente, nas casas de média e baixa renda", diz.

Em Belo Horizonte (MG), segundo ela, existem 1,5 mil residências usando essa tecnologia. Nesses casos, o cidadão diminuir o consumo de energia elétrica e ainda economiza.

A ativista destaca a reformulação do transporte público, como forma de frear o aumento de temperatura. Para ela é fundamental a adoção de um sistema de circulação menos poluente. "Precisamos de ciclovias disponíveis para os trabalhadores. O DF apresenta distâncias razoáveis e declividades boas para quem anda de bicicleta."